Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Mpuku, um objeto comunicacional dispersivo: os vínculos sociais no contexto ritualístico[1]

Mpuku, a dispersive communication object: social bonds in the ritualistic context

Isaias Pedro Panzo
Alexandre Tadeu dos Santos

Palavras – chave: Mpuku; Objeto comunicacional; Rito; Vínculos sociais; Dispersão.

1. Introdução

A pesquisa que nos propusemos a desenvolver, cujo objeto de estudo é o *mpuku* em *kikongo* – sob o nome específico *nkusisa*, rato em português –, é de natureza criativo-cultural e antropológico-tradicional, tendo aparições em diversas culturas, tanto na tradição oral quanto nas contemporâneas, como construção simbólica. Ele se manifesta nas canções e nas fábulas de Esopo (Pinheiro, 2012). O rato está presente no tecido cultural – dispositivos discursivos – nos contos, provérbios, mitos e ritos. A forma como é representado – a função que desempenha, como é visualizado e simbolizado, segue a lógica cosmológica a partir de um lugar referencial.

Além de suas aparições no contexto das narrativas da tradição, ele também foi midiatizado e pode ser verificado em vários processos midiáticos: ‘‘no cinema, nos desenhos animados e nos jornais. Exemplos marcantes são Speedy Gonzales, no México; *Mickey Mouse*, nos Estados Unidos; Sig, no Brasil – figura icônica no

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Pasquim; e Rato Fedorento, em Angola – sátira aos políticos corruptos no Jornal Folha *8*'' (Panzo e Santos, 2026, p. 1).

Convém destacar que nossa proposta tem como objetivo vigiar a circulação do *mpuku/rato* nos processos ritualísticos no contexto Kongo em Angola e, a partir disso, compreender os vínculos sociais por meio dos valores e representações simbólicas associadas às ressignificações do rato na cultura, evidenciando como tais práticas se articulam à cosmovisão Kongo e revelam múltiplos sentidos dispersivos.

No campo da comunicação, a circulação de sentidos a partir da abordagem dispersiva encontra respaldo nas contribuições reflexivas de Braga (2008), nas quais ele problematiza a natureza dispersa, relacional e não-hegemônica do campo. Assim, torna-se possível perceber que essa abordagem se enquadra nas pesquisas nomotéticas, que são aquelas que procuram formular leis gerais, padrões universais ou explicações abrangentes sobre os fenômenos comunicacionais.

Nesse sentido, a partir das contribuições teóricas sobre ''dispersão e exogenia no campo da comunicação'' de Braga (2008) e Signates (2025), em diálogo com as reflexões sobre a ''migração fractal do provérbio em Angola'' de Paxe (2023) e a ''abordagem sistêmica ou macroscópica'' de Rosnay (1999), compreende-se a dispersão como um processo de circulação de sentidos. Dessa forma, esse processo opera a partir de múltiplas fragmentações discursivas do rato na cultura, ampliando vínculos sociais entre as comunidades Bakongo em Angola.

Além disso, essa perspectiva aproxima-se da cosmovisão Kongo, que se assenta, segundo Paxe (2023), nos processos migratórios das coisas e não na fixação. Todavia, embora a colonização em África-Angola tenha inventado territórios complexos e problemáticos que não traduzem essa lógica, Achille Mbembe (2018) denomina tal dinâmica de filosofia africana do movimento, numa analogia considerada como nomadismo — organização social e estratégica de sobrevivência — atribuído pejorativamente aos africanos durante o processo colonial. Consequentemente, vive-se a descontinuidade territorial, onde, por exemplo, os *Bakongo* encontram-se distribuídos e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

confinados em Angola, na República Democrática do Congo, no Congo e no Gabão, o que dificulta a compreensão da atitude dispersiva com que o rato se revela ao circular e dos múltiplos sentidos que traduz ao representar ideias abstratas – rapidez, agilidade, força, bondade, esperteza, mas também morte, doença, imundície e praga – que, ao circularem, configuram construções simbólicas capazes de estruturar vínculos sociais e reforçar a dimensão relacional da comunicação.

A partir disso, questionamos: como o *mpuku* pode atuar como objeto simbólico portador de múltiplos sentidos, capaz de revelar formas africano-angolanas de produzir conhecimento e vínculos sociais? Metodologicamente, o trabalho é um ensaio baseado no repertório cultural *Kongo* e na análise das narrativas ritualísticas sobre o *mpuku*, retiradas de um TCC da licenciatura em Línguas e Literaturas Africanas. Buscamos compreender os sentidos de sua circulação nos rituais e os vínculos sociais daí resultantes, discutindo como a figura do rato contribui para os estudos da comunicação africano-angolana, sustentados pela lógica do movimento em oposição à fixação.

2. Da caraterização do Mpuku na cultura: do nome comum e do específico

Segundo Paxe (2023, p. 77), um nome revela e representa muita coisa, como se diz entre os bantu: ‘‘quem não quer resolver um problema dá um nome’’. Daí a necessidade, entre os Kongo, de atribuir um nome comum ‘‘Mpuku’’ para designar todas as espécies de ratos e nomes próprios para diferenciá-las. Os nomes próprios revelam as particularidades de cada espécie e a dimensão que possuem na cultura local, em função de sua utilidade e da forma como entram na memória do imaginário cultural a partir de um lugar referencial. Nesse sentido, *Mpuku* passa a ser o nome comum que designa o rato de forma geral, mas cada espécie possui seu nome próprio, como:

> mbende, kunsisa ou nsyeka mpuku, mvinda, mbanga, kikutu, nkusu, nkaka, nsisa, buluka, tutu, sunzi, ndyongo, munungi, kumbi, kola, nsyeta, mbubu, yimbwa, ngoné, bubunsala, lukinza, ntoka, mfingi, ntala ou kokantala, nkukulu, mbumbulu ou mbwanzazi, kikenza, kasa, fukala, yitumbu,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

> fwambila, mpuku mwifi, kinza, yilanda, padi, pati, kikonde mbela, kamandonda, kidimba, tulumbemba, mukusu, lungola ngola, mwebu, nyunga, luvadi, kuka, n´bevu, veta, kitumbu, fwekala, nsawuka nsyoka, boba, nkwa, mpedi, kakila, sinda, ntonga etc. (Panzo, 2019, p. 21).

Esses são os nomes próprios de cada rato, mas todos, de modo comum, chamam-se *mpuku*. Essas espécies aparecem em diferentes formas e contextos nos processos culturais: nas narrativas da tradição oral e nas práticas ritualísticas — que funcionam segundo a lógica do não autor. Trata-se de um vasto repertório cultural compartilhado coletivamente e mediado pelas instituições sociais, que são lugares de transição e abertura ao mundo, onde práticas e processos assumem seu lugar referencial.

As instituições religiosas, especificamente os rituais de caráter mágico-religioso tradicional, conforme Signates (2025, p. 196), ‘‘num sentido comunicacional’’:

> pode ser definida como um forte espaço de institucionalização de sentidos metafísicos sobre o mundo e de disputa contínua pela hegemonização dos sentidos instituídos. Trata-se, portanto, de uma instituição de poder simbólico fundado em princípios metafísicos ou espirituais.

Esse poder simbólico acompanha as diferentes transições da vida humana: nascimento, crescimento e morte — e é por meio dele que se processam os trânsitos em massa dos elementos da natureza sacralizados na cultura, por uma emancipação religiosa que se coloca entre o homem e o universo complexo e transcendente que nos rodeia.

3. Do objeto comunicacional dispersivo: dos vínculos sociais ampliados

Como vimos, as séries de ratos na cultura aparecem e são representadas de forma ampliada. Dentre elas, destacamos o *kunsisa*, um rato extremamente difícil de ser caçado. Durante a caçada, o primeiro rato capturado passa por um ritual destinado a manter a sorte e afastar o azar entre os caçadores. Nesse ritual, o caçador mais experiente, segura o rato pela cauda enquanto os demais se perfilam de costas, lançando-o uns contra os outros; aquele que for atingido assume imediatamente a

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

responsabilidade de conduzir ou liderar a caçada. Essa prática ritualística promove a passagem de testemunho e garante a transição democrática, pacífica e unânime de responsabilidades dos mais velhos para os mais novos. Estabelece, assim, um vínculo social vital, pois assegura a preparação de futuros líderes caçadores e *mintinu a makanda* (chefes de clãs) ou da tribo. Durante o ritual, todos cantam e desfilam (Panzo, 2019):

Kunsisa ou nsyeka Mpuku
Mono nsyeka Mpuku
Mono nsyeka Mpuku
Kana ubaka kunatikyumak o
Kanansisa kuna kunatikyumako

Tradução

Kunsisa ou nsyekaMpuku
Eu sou um rato complexo difícil
se me caçares, não levará mais nada
se me deixares não poderá caçar outro rato
e se me levares também não caçarás outro rato

Esse ritual promove nos mais jovens o princípio de liderança democrática, baseado na crença de que a escolha de um líder depende da vontade do destino que o ritual determina. Uma vez conhecido, o novo líder assume a condução da caçada, incluindo o transporte de todos os ratos capturados, o que garante a manutenção da sorte durante a atividade. Essa narrativa mitológica, com forte projeção de valores sociais, permite captar os sentidos abstratos que representam e promovem o rato *kunsisa*, alinhado à ideia de um cidadão exemplar e engajado, que se sacrifica pelo grupo. Trata-se de uma construção artístico-literária que traduz um princípio de cidadania baseado na fidelidade ao coletivo.

No campo da comunicação, percebe-se que o rato pode constituir-se como objeto fundamental para o ensino da teoria da imagem e da linguagem. Contudo, sua presença incontrolável no tecido cultural, quando abordada a partir de sua natureza

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

simbólica macroscópica, levanta preocupações que Signates (2025) denomina dispersão, pois, como objeto comunicacional, mostra-se generalista e pluralista, constituindo um dos problemas da epistemologia da comunicação.

Quer seja o *kunsisa* ou todas as séries de ratos mencionadas, aproximam-se do provérbio que, segundo Paxe (2023), ‘‘pertence a uma cultura que não pode ser analisada a partir da identidade e da diferença’’. Nesse sentido, o rato ‘‘constitui-se num sério desafio à história e à teoria das artes’’ (p. 26). Ele se apresenta como produto dispersivo contínuo, realizando discursos capazes de fortalecer vínculos sociais além-fronteiras, numa lógica da filosofia africana do movimento (Mbembe, 2018), anterior à ideia dos espaços territoriais estabelecidos na Conferência de Berlim.

Assim, a dispersão, entendida como variação e multiplicidade de sentidos e trajetórias que o rato assume ao circular na cultura, constitui condição existencial da formação cultural, multiplicando objetos comunicacionais dinâmicos. Essa dinâmica permite discutir questões ligadas à teoria da imagem, fronteiras, identidades, cidadania e inclusão social, em razão do choque entre espaço regional ou tribal e o nacional, bem como pelo excesso de objetos, línguas e literaturas herdados da colonização.

O rato, nesse contexto, pode ser compreendido como objeto comunicacional dispersivo, circulando permanentemente nos espaços culturais, fragmentando-se em múltiplos contextos e provocando diferentes interpretações, ao mesmo tempo em que fortalece vínculos sociais em Angola. Esse vaivém permite vigiar os atravessamentos de sentidos entre espaços rurais e urbanos. Em acordo com Mbembe (2018) e Paxe (2023), estamos diante de um objeto comunicacional que abre caminhos para compreender como se concebe e organiza o conhecimento em África-Angola, estruturado pela ideia de circulação excessiva e movimento contínuo das coisas e objetos na cultura, assentados na lógica da comunicação.

Referências

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. MATRIZes, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 2, p. 73–88, 2008. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88. Disponível em: https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193. Acesso em: 15. mai. 2026.

MBEMBE, Achille. **África é a última fronteira do capitalismo**. Público, Lisboa, 9 dez. 2018. Entrevista. Disponível em: https://www.publico.pt/2018/12/09/mundo/entrevista/africa-ultima-fronteira-capitalismo-1853532 . Acesso em: 12 jun. 2026.

PANZO, Isaías Pedro. **A circulação das espécies de ratos na cultura a partir do Kongo**: Narrativas e instituições. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Línguas e Literaturas Africanas) – Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda. Orientador: Castelos Vieira dos Paxe. Disponível na biblioteca do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda.

PANZO, Isaías Pedro; SANTOS, Alexandre Tadeu dos. **Mbende**: do objeto ritualístico à produção de sentidos metafísicos na caça. In: CONGRESSO INTERCOM NORDESTE, 26., 2026, Caruaru. Anais... Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2026. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/25/5396/060120261548496a1dd41111cb7.pdf Acesso em: 08. ago. 2026.

PAXE, Abreu Castelo Vieira dos. **Migração Fractal**: Estudo sobre o provérbio na cultura em Angola. Coleção Atravessamentos Impossíveis. Inmensa Editora, Volume 7, Brasil. 2023.

PINHEIRO, C. **Fábulas de Esopo**. 1.ª ed. 2012. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/1020245798/Fabulas-de-Esopo-Esopo-Carlos-Pinheiro acesso em: 25 abr. 2026.

ROSNAY, Joel de (1999). Conceitos e operadores transversais. In **O desafio do século XXI:** Religar os conhecimentos (org.) Edgar Morin. Coleção Epistemologia e Sociedade. Tradução de Ana Rabaça. Coleção Epistemologia e Sociedade. Instituto Piaget. 1990.

SIGNATES, Luiz. **Metateoria das tensões comunicacionais**. Revista de Epistemologias da Comunicação, Cegraf UFG, 2025.